

AMANAJÓS

O ar dá tiros. Fecham-se portas, janelas, forma-se um vuvu dentro de casa e lá fora; irrompe no meio da rua, bêbado, Amanajós..., grandão, sinistro, olhar de capa e espada, nu da cintura para cima, de bigode, amplas entredas, assemelha-se a uma larga figura de homem no quadro *Le cerveau de l'enfant* do primeiro De Chirico.

Tem muitos apelidos: lobisomem, bode, cachorrão, flagelo de Deus; já que usa uma bela voz atemorada, alguns também chamam-no o tenor da cachaca.

Amanajós, advogado!, genro do Comendador F..., membro de uma das primeiras famílias da cidade, sai para a rua, de noite ou de dia, bêbado, às vezes mascarado fora do carnaval, clarinando nomes feios, dizem que até nu já se exibiu; a polícia cruza os braços ou finge agir. Senhoras variando de lobisomem ameaçam os filhos com um grito lá vem o Amanajós.

Tornando-se um manjálú da burguesia, Amanajós abandona a família em casa, vai em flecha para a beira do rio onde moram as horizontais, horizontaliza-se a noite inteira; sua mulher, lacrimogênea, confia a tristeza a um lenço. Sarapantão, Amanajós dispara o revólver para o ar, dispersa grupos conversando;

arrabbiato fuorilegge encharcado de caninha agitando as mãos concupiscentes aparece no Forum, descompõe os colegas, desafia o Padre Coelho, outros padres coelhos, o raio suspenso de Deus;

algumas administradoras do Coração de Jesus tentam impedir-lhe o acesso à igreja que ele pouco freqüenta, e por esporte, diz.

Sendo eu ainda pequeno, já instaladas no alto as estrelas, goiabas inacessíveis, produz o pânico na minha família: faz-me beber *à la russe* num bar um grande copo de abrideira, conduzem-me à Santa Casa para me desintoxicar, ali tem uns vitrais que eu gosto muito, naquele tempo parecem-me chartreanos, marcam uma rotura com as restantes decorações da cidade foram encomendados pelo pai de Sinhá Leonor.

Suplente do demônio segundo o professor Alípio Peres diretor do Ginásio Santa Cruz onde estudo e desestudo, namoro e desnamoro, onde Amanajós é discutido admirado odiado divide os alunos puxa vida! Diz: morrerei bêbado, assim não sentirei quando a bicha vier. Tem sempre o nada ao alcance da mão. Como de resto quase todos.

Boêmio chefe de um grupo de jovens que cometem durante a noite grandes desatinos na cidade, saem todos com pés de tigre, desarranjam a ordem

pública, instauram o quebra-quebra, produzem o escuro nas ruas, bêbados, de braços dados com putains, portadores de humor negro, Amanajós consegue preocupar o governo do Estado. Despacham-no para o Acre, juiz de direito! ali, explode, vira o território de pernas para o ar; finalmente exausta, em desespero de causa, a própria polícia vê-se forçada a encarcerá-lo. Dentro da prisão morre de beber; segundo Maiacóvski é melhor morrer de vodca do que de tédio.

Não sei se era suplente do demônio; de qualquer forma encarnou para mim a primeira imagem de um demônio menor, talvez de quinta classe, reduzido, provinciano, ajustado à minha dimensão da época: julgando-o um anarquista, admirava-o secretamente. De resto, antes de crer na idéia ordenadora de Deus, acreditei na idéia desordenadora do demônio. Isto me parece mais racional do que irracional, mormente no contexto do nosso tempo de campos de concentração, genocídio, fornos crematórios e bomba atômica, construídos pela inteligência humana, mas com a sutil e oculta colaboração daquele que a justo título foi crismado de príncipe das trevas — o único príncipe que até hoje me despertou admiração, terror, espanto.